

Ferro e outros contos
Adrian V.

Para os que ainda acreditam na magia das estrelas...

FERRO

Sozinho no ônibus após outro dia de trabalho, Seishin esperava o fim da linha. Assim como seus semelhantes, fora obrigado por lei a manter-se afastado dos seres humanos em transportes coletivos, relegado às partes traseiras ou, em casos atípicos, o bagageiro.

Embora uma parte sua desejasse veículos exclusivos para robôs, outra, mais passional, sonhava em sentar-se à janela e observar as ruas conforme viajava, um trabalhador desfrutando o final de outro expediente. O ônibus parou e Seishin rumou à saída. Com guarda-chuva resistente à chuva ácida e pasta de couro em mãos, desceu. Na direção do espelho retrovisor, cumprimentou o motorista com um polegar em riste, um dos poucos humanos em seu cotidiano que o tratava com respeito. Caminhou entre os funcionários da companhia de transporte, que ou o ignoravam ou fitavam com desprezo.

Atravessou a rua e parou em frente à entrada do Bairro Artificial. Contemplou o local pitoresco, composto por um sem número de torres com cubículos para robôs conscientes, metal sobre metal para metal. As condições não eram das melhores, com falta de recursos e insegurança, mas, para muitos, tornou-se um lar, Seishin incluso.

Quantos dos seus estariam acordados naquele instante? Todos, pois não precisavam dormir. Embora seu rosto anguloso não demonstrasse emoções, por dentro, riu da própria piada ruim, um comediante desesperado por atenção de uma plateia ausente. Em seu ritmo padrão de caminhada, Seishin adentrou o Bairro Artificial. O decreto nacional banira todos os robôs conscientes para os limites das grandes cidades, até mesmo os que possuíam imóveis e famílias. Era mais fácil para as autoridades controlá-los dessa maneira, isolando-os do restante do mundo.

Ergueu a cabeça para as torres; contou poucas de janelas iluminadas, nada fora do normal, visto que a maioria dos cubículos não era ocupada. Ao contrário da maioria dos humanos, Seishin e seus semelhantes não careciam de muito espaço para organizar seus pertences. Os nove metros quadrados de seu cubículo eram perfeitamente divididos entre ele e Marco, o gato preto vira-lata que achara na rua ainda filhote seis meses atrás; o animal estaria ansioso por seu passeio noturno seguido de um gordo jantar. Seishin cruzou o segundo quarteirão. Dobraria à esquerda na próxima rua e seguiria por mais cinco.

O caminho estava gravado em suas unidades de memória não por ser um “computador com pernas”, como os colegas de trabalho chamavam-no, mas por sua rotina. Aprendia da mesma forma que um ser humano, através de tentativas e

erros, embora explicar que tal processo era mais eficaz com organismos sintéticos causasse mais problemas que soluções.

O terceiro cruzamento chegou e Seishin dobrou. Ele constatou ser o único fora de seu cubículo, o que estranhou. Por mais que ele e seus semelhantes fossem em sua maioria reservados, era comum encontrá-los em pequenas rodas, conversando. Como era capaz de pensar como humanos, também era passível de apreensões.

Teria algo acontecido ali para que todos houvessem sumido? Em seu HUD, acessou o aplicativo de mensagens e enviou duas para Garcia, seu vizinho de porta e melhor amigo. Não houve resposta. Discou o número, mas a conexão não foi completada, o sinal interrompido antes de haver conexão. Algo não estava certo. Acessou o aplicativo de mensagens outra vez e procurou pelo grupo de moradores da torre onde morava; as últimas mensagens recebidas datavam de onze e quatro da noite, o exato instante quando ele chegou ao Bairro Artificial. Não poderia ser uma coincidência.

Acelerou os passos e avançou pelos quarteirões. Respingos atingiram sua lataria e não precisou de muito para saber que se tratava de chuva ácida. Os resíduos poluentes da cidade eram enviados à periferia, deixando o centro arejado. Embora fosse construído com polímeros resistentes à corrosão, abriu o guarda-chuva e protegeu-se. Conheceria robôs que subestimaram a força de fenômenos químicos e pagaram o

preço da própria ignorância. Encurvado sob o guarda-chuva, Seishin prosseguiu conforme as gotas ácidas aumentavam de tamanho e quantidade. Com a visão obstruída, fitou os pés chapinhando na água empoçada sobre o cimento gasto. Ele era de um modelo simples, portanto, não possuía sensores infravermelhos e de proximidade. Abriu o mapa e conferiu onde estava. Mais um pouco e chegaria em sua torre. No conforto de seu cubículo, perguntaria a todos sobre o que ocorria. Entretanto, não teria tal oportunidade.

Uma rua antes de chegar, ele estacou. Estirado de braços sobre a calçada, jazia um robô. Seus membros inferiores foram decepados e a cabeça amassada como uma fruta. Largou a pasta e correu para acudi-lo. Conforme proximava-se, notou que ambos eram do mesmo modelo, embora as cores divergissem do prateado de Seishin. Agachou-se ao lado do semelhante ferido. Faíscas brotavam de sua carcaça. Mesmo destruído, ainda funcionava. Virou-o de peito para cima e, aturdido, quase caiu. Garcia. — Ajude... me... — Garcia disse, os sintetizadores de voz falhando a cada sílaba. Seishin tranquilizou o amigo e prometeu que tudo ficaria bem. Com ambos sob o guarda-chuva, verificou a unidade de memória central na tampa occipital; o lacre continuava intacto, assim poderiam trocá-lo de corpo sem maiores problemas. Pelo pouco fluido embaixo de Garcia, o ataque foi recente. Os ferimentos eram brutais e certos, sem quaisquer chances

de reação. Sabia o que aquilo significava. Não era a primeira vez que se deparava com tal cena.

A comunicação interrompida. O robô destroçado. Alguém havia entrado no Bairro Artificial com más intenções. E não pararia com apenas uma vítima. Com cuidado, ergueu o amigo e conduziu-o para baixo de um toldo. Os braços de Garcia espasmaram e Seishin tornou a tranquilizá-lo. Não o deixaria morrer; chamaria alguns conhecidos para reconstruí-lo, já que todos possuíam peças sobressalentes. Continuou a acalmá-lo enquanto discava uma chamada em grupo. Não podiam ficar ao relento, eram alvos fáceis no meio da rua. — Olha ali! Tem outro! Seishin virou-se em direção à voz.

Parado na esquina, um homem corpulento segurava um bastão elétrico, correndo em direção dos robôs. Trajava roupas preto, o rosto oculto por uma máscara. Humano. Aquele fora o culpado pelo estado de Garcia; seria o próximo se não saísse dali, porém, não poderia deixar o amigo para trás. Manteve-se em sua posição e fechou o guarda-chuva, pronto para usá-lo como arma. Antes que pudesse reagir, Seishin recebeu uma pancada e a panturrilha esquerda explodiu em milhares de faíscas. Perdeu o equilíbrio e foi de joelhos ao chão. Uma voz diferente gargalhou, esganiçada.

Outro homem surgiu às suas costas; de perto, notou que suas roupas se assemelhavam às da Polícia. Como sempre, aqueles que deveriam proteger eram os primeiros a machucar. — Fica

no chão, demônio! — gritou o segundo agressor, entredentes. O primeiro agressor não perdeu tempo. Cravou um golpe em cheio na têmpora direita de Seishin, que sentiu o choque espalhar-se por seus componentes. O robô apoiou-se nas mãos. Metade de seu rosto escureceu, os módulos ópticos esmigalhados. Mesmo ferido, não sentiu dor, afinal, não podia. Em compensação, sentiu algo pior. Medo. Nunca antes havia sentido aquilo, pelo menos não em igual proporção.

Eles se revezavam nos golpes, em perfeita sincronia. Levou mais dois e seu braço esquerdo parou de funcionar abaixo do cotovelo. Rendido sobre a calçada, pedaços da vida de Seishin embaralharam-se em sua mente, reflexões à porta da morte. Sobre seu trabalho como caixa de supermercado, em como sentia-se útil e inútil em sua profissão. Sobre Garcia, quase um fantasma eletrônico. Sobre seus semelhantes, sem noção do que ocorria nas ruas abaixo. Sobre Marco, sozinho em casa, à espera de seu passeio. Acima de tudo, refletiu sobre os motivos da agressão.

Por que alguns humanos tratavam robôs de forma tão violenta? Seishin e seus semelhantes não estavam ali para roubar o lugar dos seres orgânicos ou acabar com suas famílias, como assistira um pastor evangélico esbravejar na televisão. Eram apenas... outra forma de vida, composta dos mesmos elementos e sujeita às mesmas leis universais, capazes de morrer, sofrer, de serem felizes e terem vidas.

Era improvável que os conhecesse e, mesmo que conhecesse, não fizera nada para merecer tal punição. — Demônio! — berrou o primeiro agressor, em mesmo tom do pastor na televisão. — Seja expurgado! — completou o segundo, brandindo o bastão em arco. — Em nome do Senhor! Seishin recebeu mais duas estocadas com os bastões elétricos, fortes o suficiente para rompes parte das conexões em seu ombro direito. Mais faíscas. Imaginou as expressões suas expressões por baixo das máscaras, excitados com sua tarefa maligna, adorando cada instante. Pessoas como aquelas, movidas por ignorância e violência, arruinavam o mundotanto para robôs quanto para humanos. Então, por que deveria continuar sendo espancado?

O primeiro agressor preparou-se para outro golpe. Colocou o peso do corpo para trás e desceu a arma, mirando na cabeça do robô. Em um único movimento, Seishin parou-o, segurando-o o bastão com o braço bom. Puxou-o para si e o homem foi ao chão em um gemido desacreditado. — Eu não sou o demônio aqui... — Seishin disse, sem um alvo em específico. — Largue a arma! — ordenou o segundo. Seishin não acatou o pedido do homem e apontou-lhe o bastão elétrico, a corrente na ponta brilhante contra a noite. No chão, o primeiro afastou-se, rastejando sobre os cotovelos.

O robô cerrou os punhos e os dedos afundaram no cabo da arma. Em silêncio, manteve sua posição e analisou como

proceder; os agressores imitaram-no, ofegantes. — Fique longe... — o primeiro homem disse, ainda no chão.

O segundo agressor saltou sobre Seishin, bastão em punhos. O robô acompanhou o movimento e segurou a arma sobre as mãos do homem, levando a ponta elétrica de encontro ao peito do companheiro. O primeiro tremulou e bateu os dentes, desabando como um saco de farinha, desmaiado. Incrédulo, o segundo gritou e correu em busca de abrigo; parou à entrada de uma das torres, mas as portas eletrônicas não abriram.

Em meio à confusão, demorou alguns segundos para perceber que estava encurralado. — Afaste-se, demônio! — berrou o segundo agressor, trêmulo. Seishin mancava em sua direção, segurando o bastão.

A chuva ácida atingia sua lataria danificada e assobiava, queimando-o. Não sabia por quanto tempo mais aguentaria, pois seus sistemas apresentavam danos irreparáveis. Configurou-o para descarga máxima, suficiente para neutralizar um animal de grande porte. O homem encolheu-se contra a porta, as mãos sobre a cabeça. Os papéis se inverteram, Ele soltou gemidos de desespero, sem quaisquer resquícios da confiança e violência cega de antes.

Por um momento, cogitou entregá-los às autoridades, contudo, tinha plena noção que nada aconteceria com os criminosos. Pagaria na mesma moeda, afinal, ele era racional e passional. Sem um pinga de remorso, Seishin descarregou a

bateria do bastão no pescoço do homem. Ele fritou como um ovo em frigideira, salivando pelos cantos da boca. A julgar pelo seu estado, não restou unidades de memória para serem inseridas em corpos novos.

O robô largou a arma assim que seu agressor parou de se mover, não antes de dá-lo mais alguns golpes, por precaução. Embora vitorioso, ele sucumbiu aos ferimentos do ataque. O sistema motor parou de funcionar e Seishin estatelou-se à entrada da torre. Mais faíscas escapavam onde os golpes foram mais fortes. Os módulos ópticos acompanharam os de movimento e desligaram. A bateria principal oscilou e desligaria em breve. Pelo HUD, conferiu a unidade de memória principal; aliviou-se ao descobrir que os arquivos estavam intactos, que sua alma estava intacta. Mesmo sem seu corpo original, ele sobreviveria.

Passeou pelos diretórios uma última vez e encontrou um documento, name_. Abriu-o e, antes dos módulos faciais inferiores falharem, sorriu. Lá estava a modificação de idioma baixada quando ganhara consciência. Escolhera um nome japonês, diferente de seus semelhantes brasileiros. Escolheu Seishin, cujo significado era coração.

CONTROLE DE ESTRESSE

A luz amarela estava acesa e Pedro diminuiu a velocidade pela iminência da vermelha. Parou e observou as pessoas que cruzavam a faixa de pedestres em frente a seu carro: a mulher que carregava uma sacola listrada cheia de ervas e legumes, o rapaz caminhando com um cachorrinho caramelo — ou era cachorrinha? — na coleira, o homem de paletó que falava e gesticulava enquanto cruzava a rua, provavelmente no meio de uma videochamada em seus implantes ópticos e auriculares.

Observava também as pessoas que iam e vinham na calçada à sua direita enquanto esperava o semáforo abrir e tamborilava com os dedos no volante. As engrenagens roncavam. Era sempre assim em horários de pico, os carros balançavam para frente e para trás, os motoristas ansiosos para partirem em direção a seus destinos.

Pedro olhava o relógio no canto superior direito de seu campo visual. Iria se atrasar caso não corresse. Sinal verde. Os carros à esquerda de Pedro avançaram no fluxo sem impedimento, porém, dois metros após ter passado a faixa branca e preta, uma batida inesperada fez Pedro frear de súbito e por pouco não bater com a cabeça no volante.

Olhava curioso pelo para-brisa e nada via. Buzinas ecoavam de todos os lugares, carros lhe ultrapassavam pela esquerda, motoristas faziam gestos e bradavam palavrões. Tentou acelerar lentamente, mas sentia que algo o impedia. Resolveu descer do carro e verificar. Contornou o automóvel ignorando os desaforos dos motoristas irados.

As pessoas na calçada olhavam desinteressadas antes de continuarem seu caminho. Estava prestes a voltar para o carro e continuar seu trajeto, já que não via nada que estivesse impedindo que ele seguisse. Ao virar-se, tropeçou em algo invisível e lembrou do que poderia estar acontecendo.

Com a voz trêmula denunciando sua ansiedade, ele deu um comando para a Inteligência Artificial que gerencia seus aplicativos, implantes e acessórios: — Oráculo, desative os filtros antiestresse. — Entendi. — disse efusiva. — Filtro antiestresse desativado. — continuou prestativa. — Qualquer alteração de humor será notificada.

Como se estivesse se materializando naquele momento, um senhor de cabelos grisalhos aparecia caído na frente do carro, próximo ao pneu direito. Aos poucos, após o filtro ter sido desligado, o implante visual começava a detectar o uniforme verde e as escoriações na pele preta que se tornavam incontestavelmente visíveis para Pedro. Ele se ajoelhou ao lado do homem e, após a liberação nos implantes auriculares, finalmente pôde ouvir os gemidos. — Meu deus! O que eu fiz?

— Tá tudo bem senhor, eu que me atrasei. — Você que o quê? Não, nada disso. Vou chamar uma equipe SANAR. — Não, senhor, não faça isso. Apenas me ajuda a ir pra calçada. Só em me levarem para o hospital já é meu salário inteiro. Puxa aquilo ali também, — apontou para o carrinho que usava para fazer a coleta de lixo na cidade — se quebrar eu é que pago. — Calma, não se mexa. Pode ter fraturado algo. Não se preocupe com as despesas, farei questão de pagar. Oráculo, preciso de uma unidade de urgência da SANAR o mais rápido possível. — Entendi. Confirma a conta para débito com final 4... 5... 1... 3? — Sim. — A equipe SANAR confirmou o envio. Tempo estimado para chegada é de... cinco minutos. — Pronto. A SANAR já está a caminho — disse Pedro. — Obrigado, meu filho, mas não foi nada. — Como não foi nada? A cabeça do senhor está sangrando. — Pior foi o acidente com um homem que morava na rua que meu marido viu.

O carro subiu na calçada e passou por cima do infeliz. Ninguém deu socorro, deve ter quebrado todas as costelas. — Seu nível de estresse subiu cinco por cento. — alertou-lhe o Oráculo com uma notificação. Em seguida, exibiu um vídeo no canto superior esquerdo do campo visual de Pedro.

O enquadramento mostrava parte de uma jarra que derramava água em um copo de vidro com cubos de gelo, produzindo um redemoinho e colocando os cubos para dançarem elegantemente. Tudo isso com um pouco de câmera lenta. — Já bebeu água hoje? Confira as dicas para se

manter hidratado do canal Água-fresca. Diga “Ok, Oráculo” para assistir ou ignore. — Seu marido viu uma pessoa em situação de rua? — intrigou-se — Ele não usa os filtros antiestresse? — Nossos implantes não aceitam essas coisas mais novas, meu filho. O meu só serve pra não deixar o glaucoma avançar, receber e fazer ligação. — Riu-se, um riso que se transformou em gemido de dor. — Está vendo? O idoso tentava se levantar, mas foi impedido por Pedro, que argumentava sobre o risco de piorar alguma fratura e a necessidade de ser imobilizado.

A equipe SANAR chegou e em poucos minutos imobilizaram e transportaram o senhor para um hospital. Ele teve uma fratura no pé, provavelmente na vez que Pedro insistiu em prosseguir com o carro.

As ruas estavam mais cheias. Pela primeira vez em cinco anos ele dirige por esse caminho com os filtros antiestresse desligados. Havia esquecido quantas pessoas ainda faziam da calçada de cama, dos idosos na rua.

Lembrou de depois ligar para seu pai, perguntará como ele está. “Vou ligar pro senhor que atropeli também, mas qual era o nome dele? Não acredito que esqueci de perguntar.”, seguia pensando. — Seu nível de estresse subiu dez por cento. O que acha de colorir? No canal Colorevida você encontrará dicas para... — Oráculo, interromper. Desativar notificações de nível de estresse.

No trabalho, Pedro digitava e pensava no que poderia ter acontecido. Que viés desgraçado teria a sua vida se ele tivesse matado alguém. Cogitava nunca mais ativar os filtros antiestresse. Suor começou a surgir na palma de suas mãos, sua respiração se tornava pesada. Decidiu ir beber alguma coisa. Dois colegas de trabalho conversavam em pé próximos ao dispositivo que servia água.

— Bom dia, Pedro. Tudo bem, cara? — disse o que segurava um copo. — Não, não estou bem. Quase matei uma pessoa hoje. Os dois se entreolharam e voltaram olhares assustados a Pedro. — O que aconteceu? — Atropelei um trabalhador do serviço de limpeza urbana. — Como você soube? — perguntou o que estava calado até o momento.

O Oráculo acabara de avisá-lo que seu nível de estresse estava subindo. — Eu desliguei o filtro antiestresse e o ajudei. — Isso é perigoso, Pedro. O que passou pela sua cabeça para desligar os filtros assim? — Disse o que segurava um copo. — Na hora eu só pensava que havia batido em alguma coisa e que, se fosse um animal ou uma pessoa, tinha que prestar socorro. Esse filtro... ele não deveria existir. Eu quase matei uma pessoa por causa dele. Tenho que ligar para meu pai. — Meneava a cabeça olhando para todos os lados freneticamente, procurando com o olhar algo que não sabia o quê. — Quem mais nós não estamos enxergamos? Os dois colegas se afastavam lentamente.

Em seus implantes visuais, uma notificação alertava que os níveis de estresse de Pedro estavam muito acima do aceitável e ele entrara em nível Contagante. Pedro recebeu uma notificação visual e auditiva que pedia para que comparecesse à sala de seus líderes. Pediram para que ele se acalmasse, que infelizmente a empresa não estava em um momento que fosse possível dar uma licença, mas que era inadmissível ele continuar intoxicando os companheiros de trabalho daquele jeito.

Foi-lhe dado uma pulseira. Ela o marcaria para o aplicativo que filtrava os voxels em realidade aumentada com a finalidade de identificar um elemento que precisaria ser filtrado para não provocar estresse aos outros cidadãos. Passaram a não enxergar e a não ouvir Pedro. Pelo menos enquanto ele não voltasse a se adequar.

SEM ESPAÇO PARA HUMANIDADE

Há 53 anos, o mundo chegava ao limite. A humanidade já previra a grande catástrofe e iniciou a construção de uma gigantesca nave que levaria os escolhidos para um outro planeta habitável.

A nau, nomeada de Semente de Epimeteu, era um simulacro do ambiente terráqueo e, portanto, além de tripulação, possuía governo e leis próprias, leis essas que, como na Terra, nem sempre eram seguidas...

Nick Martins foi encontrado morto em seu apartamento. O jovem bartender tinha morrido de um ataque fulminante do coração, segundo os laudos da autópsia. Esses mesmos exames, porém, não identificaram qualquer indício que levasse ao acidente vascular.

O mistério se agravava com o fato de que todos na nave tinham a saúde monitorada e, no caso de Nick, nada indicava que o problema pudesse vir a ocorrer. A princípio, o infarto havia simplesmente acontecido sem nenhum gatilho. Para os padrões de investigação, a ausência de provas não configurava um crime.

Para o instinto de Mirtis Alvez, detetive responsável pelo caso, a falta de explicação sobre a natureza daquela morte apenas levantava mais suspeitas. Nick era popular, famoso no

malabarismo com garrafas e nos drinques especiais, onde utilizava frutas de diferentes planetas. Trabalhava para o mais badalado pub de toda a nave, o Space For Fun e sabia usar seu carisma — era frequente vê-lo com diferentes mulheres.

Com acesso aos contatos de Nick, Mirtis interrogou todas as mulheres com quem o bartender teve algum relacionamento. Nenhuma apresentou alguma evidência sólida. Foi investigando os extratos das contas da vítima que a detetive encontrou algo: um débito num motel feito há alguns meses. Nick Martins deu entrada no motel na data e hora especificadas no extrato de sua conta e saiu horas depois.

Nos vídeos gravados de sua movimentação, uma moça o acompanhava: Sara Marconi. Sara era uma jovem e talentosa bióloga, um prodígio. Com tão pouca idade, já era uma das principais técnicas no setor de análise bioxênica — palavra originada da junção do grego bio (vida) + xenos (estrangeiro), que remetia à vida alienígena — do Órgão Público de Ciências e Tecnologia (OPCT). Era frequentadora do Space For Fun, onde fez amizade com Nick e se tornou a fornecedora das amostras das frutas alienígenas que utilizava. Sabe-se que o rapaz tinha certa obsessão pela mulher, que seria talvez a única a resistir às suas investidas.

Sara fora uma das interrogadas e não mencionara qualquer envolvimento além da amizade com o bartender, forçando a detetive Alvez a chamá-la para um novo depoimento. — Boa

tarde Dra. Marconi. Agradeço por ter vindo — iniciou a detetive. — Eu tinha escolha? — retorquiu a bióloga. — Pelo jeito, vamos direto ao assunto. A senhora me disse que nunca teve envolvimento além de amizade com Nick Martins — disse Mirtis, enquanto bebericava um café. — Correto.

— É mesmo? E o que pode nos dizer quanto a isto? A detetive acionou um dispositivo e uma imagem holográfica foi exibida. A bióloga empalideceu. — Após estudar os gastos do Sr. Martins e achar um débito num motel, verifiquei as câmeras do local e eis que lá estava a senhora como sua acompanhante. Por alguns instantes, Sara permaneceu calada, olhando para a detetive.

Por fim, após um suspiro, confirmou. — Certo! Foi apenas esta vez! Nick vivia no meu pé, mas não fazia meu tipo. Era gente boa, divertido, mas também imaturo e mulherengo. Gosto de homens, não de meninos. Mas naquela noite eu tinha acabado um grande projeto e resolvi me presentear. Queria me distrair, sem preocupação. Resolvi ceder às investidas de Nick. — E por que escondeu isso? — Você tem ideia da dificuldade para manter meu cargo? Toda a pressão, todo o preconceito por eu ainda ser muito jovem. Tenho que me afirmar o tempo todo. Já não bastasse a bebedeira dessa noite, ser vista com um inconsequente como Nick não melhoraria minha imagem. Sou meio neurótica com a minha reputação e, por isso, sugeri ao Nick que não fôssemos ao meu apartamento ou ao dele, e sim para um motel. — Doutora, a senhora tem

noção da gravidade que é mentir num depoimento? — Eu imagino. Mas foi apenas uma mentira boba. — A senhora mentiu num depoimento sobre a morte de um homem. Como a senhora quer que eu não te coloque como a principal suspeita do crime? — Crime? Pera aí! O Nick morreu de infarto! — Sim, foi essa a causa da morte. Mas as razões do infarto ainda estão completamente vagas. Não há indícios de que o Sr. Martins estava para ter o problema de saúde. Aliás, todos os dados indicam que o Sr. Martins estava bem saudável até morrer. Em conversa com diversos médicos, todos dizem categoricamente que, pelo quadro apresentado, era impossível o Sr. Martins ter morrido de ataque no coração. — Eu preciso chamar meu advogado? — Não se não fez nada de errado. — Não tenho nada a esconder. Eu apenas estava cuidando de minha....

Sara interrompeu a fala bruscamente levando a mão à boca. Comentou sobre o cheiro do café, estava bastante nauseada. Solicitou que pudesse ir ao banheiro. A detetive concordou, acompanhando-a, mas não chegaram ao destino. A cientista verteu todo o conteúdo do estômago no caminho. Mirtis a colocou sentada por alguns instantes e logo a liberou.

Não podia continuar com ela naquele estado. Apenas a orientou para que se mantivesse por perto, caso houvesse a necessidade de prestar declarações mais uma vez. A detetive seguiu acompanhando agora a rotina da bióloga. Leu todos os registros de sua saúde. Tudo parecia bem. Os dados

indicavam que o enjoo se dera de forma natural, por algo que tinha desequilibrado sua digestão. Apesar disso, resolveu continuar com seu raciocínio.

Entrevistou vários dos colegas de Sara, que informaram que a doutora era uma boa pessoa, esforçada, inteligente e focada, mas que deveria estar passando por algum estresse, o que motivaria as mudanças de humor que ela nunca tinha apresentado antes.

Cavando mais um pouco, verificou que Sara havia gasto uma grande quantia sem um destino definido. Mirtis sabia que isso significava uma coisa: uma compra no mercado negro.

Após consultar alguns de seus informantes e visitar o submundo, teve certeza. Uma de suas suspeitas se confirmou. Mas a principal ainda persistia: o que causara o infarto em Nick Martins? O tempo passava e Mirtis permanecia sem respostas.

Dormia pensando no caso e acordava diversas vezes durante a noite com a mente ainda nele. Permitia-se poucos momentos sem qualquer devaneio sobre a investigação, como quando foi convidada por seu colega, o também detetive Marcos Caprini, para almoçar. Entre atualizações sobre a vida pessoal, o assunto preferido dos dois veio à tona. — A humanidade já consegue viajar para outros planetas e você realmente continua nessa de um Deus que se importa? — perguntava o detetive. — Primeiro: sim, ele existe. Segundo: sim! Se tenho

duas casas em locais diferentes, darei importância a ambas — argumentava Mirtis. — O incrível é que, à medida que o tempo passa, as coisas escritas naquele livro cada vez mais caem por terra e vocês continuam acreditando. Antes, o universo todo era o umbigo da humanidade. Daí a gente consegue ir para o espaço, encontramos outras formas de vida e vocês apenas adaptam a interpretação.

— Mas é isso! A bíblia foi escrita em uma época diferente, cheia de passagens metafóricas. Nós evoluímos, assim como a percepção do que está escrito!

— Ou vocês apenas querem que aquilo seja verdade e forcem a barra. — Como explicar tudo isso que vivemos? Tudo isso que vemos? Esse tanto de coisa não pode surgir do nada! Como você explica o todo ao nosso redor? — Mirtis, eu acredito que tudo possa ser esclarecido, mas, se algo não tem explicação, não deve ser explicado! Vocês querem que tudo tenha sentido, mas, às vezes, o incompreensível é algo natural que está além de nosso conhecimento, sem mágica.

Mirtis ficou um tempo parada olhando com cara inquisidora para o colega, quando finalmente exclamou: — É isso! Perfeito, Marcos! — É isso o que? Você concorda comigo? — Não, claro que não! Mas você disse o que eu precisava! E então Mirtis deixou seu colega e rumou apressada para delegacia. Queria dar andamento ao seu plano o quanto antes. Horas depois, a Dra. Sara, mais uma vez, estava na sala de

interrogação. Mirtis chegou logo depois. — Já não basta o nervoso que vocês me fizeram passar na última vez? — ironizou a bióloga. — A senhora já pode parar de fingir, Dra. Marconi. Sabemos de tudo — disparou a detetive sem meias palavras.

— Então conte-me, pois eu não sei de nada. — Sua indisposição na última vez levantou suspeitas. Algo que podia facilmente ser verificado através do monitoramento de sua saúde, mas, como eu imaginava, a senhora não apresentava nada.

Continuei investigando, fiz perguntas a vários de seus colegas. Ninguém disse nada que parecia importante, mas algo me chamou a atenção: o relato deles sobre suas mudanças repentinas de humor, coisa que, segundo os próprios, não é do seu feitio. Parece tão trivial, mas sabendo disso, tive quase certeza do que eu suspeitava. Apenas precisava de provas concretas.

Parti, então, para o levantamento de seus gastos. Vi que há dois meses, a senhora teve um custo fora do seu padrão. E, ainda, com o destino desconhecido. Dois dados que apontavam para uma única coisa: o mercado negro. Fazendo pergunta as pessoas certas, logo descobri que a senhora tinha adquirido um Forjador Hipócrates. Sara, que até então mantinha-se impassível, remexeu-se, desconfortável. — O Forjador Hipócrates é um dispositivo usado para forjar as

informações do monitoramento de saúde de seu usuário — prosseguiu a detetive. — No seu caso, a senhora o está utilizando agora mesmo, não é? Para esconder a criança que está se formando em seu ventre. Sara, então, não suportou mais. Deixou as lágrimas derramarem. A detetive continuou: — E aposto que se fizermos um exame de DNA saberemos que o Sr. Martins era o pai de seu filho. Verifiquei que ambos, a senhora e ele, estavam atrasados na dosagem do hormônio contraceptivo obrigatório. Sara continuava chorando, sem dizer nada.

— Posso continuar apostando? — perguntou retoricamente Mirtis. — Pois bem, acredito que a senhora informou ao Sr. Martins sobre o seu filho e ele quis proceder como consta na lei de controle de natalidade, ou seja, informar as autoridades. Mas isso, segundo essas próprias leis, acarretaria numa ordem para o aborto da criança. É o que deve ser feito com gravidez não autorizada até o terceiro mês. A senhora provavelmente não concordou, queria o filho. O Sr. Martins ameaçou delatar suas intenções e, sendo assim, decidiu dar um jeito. Tenho certeza de que os exames que tive autorização em realizar no corpo do Sr. Martins, exames estes agora voltados a obter análises de materiais que não são detectados através dos testes convencionais, encontrarão algum veneno de um ser que não é da Terra. Uma aranha alienígena talvez? O tipo de composto que uma pessoa com seu cargo teria fácil acesso. Acertei?

Sara permanecia quieta, com o olhar vazio. Tentava engolir o que estava para acontecer, o destino do seu filho. Era desesperador. Então, confessou. — O Estado se acha no direito de matar! Quem são eles para decidir sobre a vida? Ninguém! Eles não podem, isso é imoral! Nem mesmo de alguém que ainda não nasceu! Nós somos feitos para termos filhos, é de nossa natureza! Como é de nossa natureza fazer de tudo para protegê-los!

— Infelizmente para a senhora, Dra. Marconi, a humanidade saiu do seu próprio planeta e está flutuando no espaço em busca de um novo lar. Natureza não cabe aqui, assim como seu filho. E a senhora o perderá, assim como sua liberdade.

VIZINHOS

Eu estava tentando me recuperar do susto quando Raquel se aproximou. — Rebeca? — Sim? — respondi, ainda encarando a rua conforme tentava circundar meu instinto de fuga para pensar racionalmente. — Aquele rapaz que passou, o Lauro... Fechei os olhos. — Sim? — ...ele é do seu universo, não? Vocês são amigos? Não respondi. Eu não sabia por onde começar a responder. — Você não parece bem, Rebeca — insistiu Raquel. Abri os olhos novamente para encontrá-la franzindo a testa, claramente preocupada.

Ela era igual a mim, exceto por boa parte da personalidade e pelos olhos ligeiramente mais arredondados. E pelo nome, claro. Isso porque ela era minha equivalente daquele universo. E, como todos ali, ela era extremamente empática. Talvez até um pouco demais. — Ele é do meu universo. Eu não o conheço, não diretamente. E não somos amigos. — Aquele sinal que ele fez, com a mão, é uma brincadeira? — É uma provocação — respondi, com um suspiro frustrado. Ela continuou franzindo a testa, parecendo não entender o significado exato da palavra.

Não era comum as pessoas provocarem as outras naquele universo, tirando em contextos de desafios ou discussões amigáveis. Claro que eles já haviam tido contato com a hostilidade da nossa realidade, mas para a maior parte dos que ali viviam aquele ainda era um contexto difícil de

entender. — Isso é uma daquelas coisas de guerra? Eu quase ri com a pergunta inocente. “Coisas de guerra” era como Raquel chamava, basicamente, a ideia de que pessoas podiam querer se odiar e se matar. Guerras eram tão inócuas ou antigas para ela que apenas por essa referência vaga que ela conseguia se referir a elas. — Mais ou menos isso.

Aquele sinal que ele fez simboliza que ele faz parte de um grupo que me odeia. — A você, pessoalmente? Isso não é crime? — Não, não a mim, mas a pessoas que se parecem comigo. E com você, no caso. E, sim, é crime, em tese, mas não na prática. Pensando bem, ultimamente nem em tese eles andam tratando como crime. Raquel parecia abalada.

— Era... uma ameaça? Não se parecia com uma ameaça. Ele estava falando que era do grupo para nos ameaçar? — ela estava ficando nervosa, com a confusão habitual que demonstrava quando não entendia algo do meu universo e isso parecia grave. — Para me ameaçar, também? — No meu universo — expliquei, tentando manter um tom de voz calmo e induzi-la a alguma tranquilidade. — existem pessoas que não nos considerariam tão humanas quanto os outros seres humanos.

Na prática, isso me leva a ser uma cidadã de segunda classe, uma minoria perseguida. Minha equivalente parecia prestes a chorar, balançando a cabeça, encarando o chão com ar vago. Depois de alguns instantes, porém, um sorriso iluminou seu

rosto, como se ela percebesse algo de bom na situação estranha. — Foi por isso que você veio aqui? Que me procurou? Porque aqui é seguro, certo? Suspirei.

Ela estava certa, mas também estava errada. Quando descobriram o multiverso, depois de passado o caos inicial, diferentes pessoas encontraram diferentes motivos para quererem acessar outras realidades. Era tragicômico que a realidade mais próxima da nossa e de mais fácil acesso, nossos vizinhos existenciais, era um mundo pacifista.

A base da existência era quase a mesma, com vários pontos em comum, mas tudo havia culminado em convivência harmoniosa. Os historiadores, sociólogos, antropólogos, economistas e tantos outros foram à loucura, analisando todas as circunstâncias que evitaram as maiores guerras, conflitos de classes e conflitos étnicos. E a maior parte das pessoas não entendia bem aquelas pessoas estranhas, tão bondosas e solícitas.

Ainda assim, muitas pessoas em situações como a minha preferiram migrar para o novo universo, porque qualquer gentileza e paz era melhor do que o que tinham. Para quem tinha pouco a perder, era melhor a proteção da distância do ódio do que uma luta vã. Eu sabia que era uma derrota, por mais que eu quisesse chamar de “retirada estratégica”, ou inventar incontáveis desculpas. Meus inimigos estavam no poder, haviam envenenado a maior parte da sociedade contra

mim e eu havia me cansado de lutar. Eu preferia viver errada do que morrer certa. — Aqui é mais seguro, sim — concordei, finalmente, mesmo contrariada. — E, ao menos por enquanto, as leis de não-interferência me protegem. Lá eu não tinha vez, se quisesse ser livre. Aqui, eu consigo ao menos me sentir menos ameaçada. Raquel voltou a sorrir.

O nervosismo ainda estava lá, mas ela parecia estar se esforçando para me deixar feliz e para que o assunto acabasse com uma conclusão positiva, como se através desse diálogo eu fosse desistir de pensar nisso e o universo se reconfiguraria de acordo. — Sim, exatamente! Aqui não há ameaça! Você não precisa se preocupar, mesmo que aquele rapaz não pareça ter se adaptado a isso, ainda.

— Tenho minhas dúvidas se ele será capaz, Raquel. Não acho que ele queira. — Ora — ela insistiu na mediação, como todos de sua versão do universo. — ele também tem direito a uma nova vida, não? Se deixou o universo de vocês, o lugar onde nasceu e cresceu, é porque também não se encaixava, ou porque aquele mundo não era como ele queria. — Ou porque ele é um batedor em uma nova invasão. Um soldado. Um agente. — Rebeca, não seja assim... Eu conhecia aquele discurso. Sim, ele era a fala predominante daquele mundo pacifista ao nível da ingenuidade, onde tudo parecia a um passo das crueldades humanas comuns mas, como que por milagre, nunca se alcançava o lado ruim.

Mas também aquilo era algo que eu havia ouvido no meu próprio mundo. Geralmente vindo daqueles otimistas que, mesmo sofrendo o mesmo que eu, julgavam que a submissão à bota que pisava em suas cabeças traria a paz. Ou vinha daqueles que faziam parte da classe alta, pensando que entendiam meu sofrimento e apenas repetindo, sem notar, o que diziam seus companheiros que oprimiam: se você não levantar a voz, terá a permissão de existir sob as nossas regras.

Eu já havia explicado tantas vezes, de tantos modos, que sabia que não adiantaria. Como explicar que, se faltava paz, era porque o conflito criado era a resistência à negação de minha existência? Que não era paz existir em silêncio e com medo, conforme cercavam, coíbiavam e pregavam contra o meu direito à existência a cada instante? Como explicar que a palavra “paz” havia sido cooptada pelos que detinham o poder e o discurso? Aqueles que falavam também em “patriotismo”, mas somente para eles, e em “liberdade”, mas somente em seus termos? Ainda assim, eu tentei explicar.

— Não é isso — soltei, com uma expiração cansada. — Não é uma nova vida o que ele quer, ou que ele veio aqui fazer. Você não viu na internet? Na televisão? Não viu os casos de agressões, as provocações, as mortes? — São exceções... — tentou Raquel, mas eu a interrompi, incapaz de parar de falar. — Eles estão aqui. São minoritários, mas vocês estão deixando que eles sejam ouvidos. Toda nova regra começa por uma

exceção da regra anterior. Se você não quer que a regra mude para o que é prejudicial, você deve impedir a exceção prejudicial.

Ela franziu a testa, sua confusão parecendo crescer. — Nós... prezamos pela liberdade — ela disse, com o hábito de quem já havia ouvido essa frase muitas vezes antes, mas com a incerteza de quem parava pela primeira vez para pensar a respeito dela. — Todos têm o direito a se expressar, a serem ouvidos... Era incrível como não importava a dimensão, a conversa era a mesma.

Em algum momento eu esperava que o pacifismo dessa versão fosse mais intransigente com os que o ameaçassem. Estava enganada. — Todos tem esse direito, mesmo se eles disserem que nem todos tem o direito de serem ouvidos, ou de existirem? Isso não é violação do mesmo direito? Raquel hesitou, então continuei falando. — Raquel, eles não querem ninguém como eu no mundo deles, e agora eles estão aqui eles ainda pensam do mesmo modo, mesmo que estejam aqui. Eles fazem provocações porque sabem que estão protegidos por nossa tentativa de superioridade moral, ou por nossa conivência com tudo que eles fazem. Sabem que vamos aceitar que imponham o que querem, forçando cada vez mais terreno, e que qualquer resposta nunca vai retroceder tudo que avançaram.

Basta continuarem avançando um pouco por vez, e logo tudo será deles. Eu não sei dizer exatamente o que ela pensava, mas ela parecia genuinamente assustada. Ela certamente não conseguia conceber uma ação forte contra os invasores, mas eu jamais esperaria que ela chegasse a esse tanto. — Acha que estão te perseguindo? — perguntou, depois de alguns momentos em silêncio. — Não pessoalmente. Lauro talvez esteja, porque ele me conhece, porque me perseguiu em meu mundo. Mas o ponto é justamente isso: para eles, quando se torna um elemento cultural, muitas vezes sequer é necessário que exista ação organizada. Eles estão perseguindo a ideia de quem eu sou, e isso pode ser muito pior do que me perseguirem pessoalmente. Há um exército de pessoas como Lauro, que acreditam nessas causas e farão o que puderem para conquistarem os objetivos que desejam. — Isso soa absurdo. Por que alguém faria isso? — Por que não faria, Raquel?

A pergunta pareceu confundí-la ainda mais. Eu a ajudei. — Imagine se sua vida nunca fez sentido e alguém aponta o dedo para outra pessoa e diz que você só não tem o que quer por conta dela. É mais difícil que você resista a isso do que simplesmente se deixe convencer, especialmente se os seus sentimentos já não forem dos melhores, e se sua frustração for grande. Então você passa a fazer parte de um grupo, o que é ainda melhor se você antes era isolado, e nem precisa ser um grupo organizado, pode ser simplesmente a ideia de uma

maioria, ou de que você faz parte do que é “normal” e quem você não gosta é “anormal”. E aí você passa a acreditar que tem um território seu por direito, e uma cultura sua, e tudo que for diferente é oposto a ela e não deve existir.

Balancei a cabeça, como se isso fosse afastar a realidade, então continuei: — Foi assim no meu mundo. Eles tinham cidades, depois tiveram países, depois um planeta e agora, com um multiverso, eles querem mais. Claro, provavelmente, para os que estão por cima, muitas vezes esse papo é pretexto. Afinal, este espaço todo representa recursos, força de trabalho, força política. Há mais mundo, aqui, para explorarem. Mais pessoas. Mas eles fazem isso através do discurso que move pessoas como Lauro.

Raquel assentiu, chocada. — Por isso o gesto. — Exatamente. O gesto que diz que eles são superiores a mim, que não mereço existir. E como ele faz parte de uma ideia, não importam fronteiras ou indivíduos. A ideia precisa deixar de existir, ou ser combatida e seu lugar deve ser ocupado por outras ideias. O problema é que, por natureza, a leniência da conversa de tolerância e liberdade permite intolerância e falta de liberdade, se não há vigilância e ação.

Raquel parecia prestes a chorar. Quando finalmente voltou a falar, sua voz estava sumida. — Bom, no pior dos casos, existem mais lugares do multiverso onde você pode ir, não é? Se você começar a agir como eles, vai se tornar tão ruim

quanto... Foi nesse momento que eu desisti de tentar fazer com que ela entendesse, me despedi, e fui para dentro de casa.

Uma semana depois, a casa de Raquel foi incendiada por um grupo de jovens que faziam gestos similares ao de Lauro e usavam símbolos que os identificavam com grupos específicos. Felizmente ela não se feriu, e ficou hospedada em minha casa enquanto as coisas se acertavam. A imprensa tratou o caso como uma ação isolada, e a polícia também.

No dia seguinte, quando voltei do trabalho, encontrei Raquel chorando em casa, dizendo que o policial que estava atendendo seu caso fez para ela o mesmo gesto que Lauro fez outro dia. Perguntei se ela queria fugir para outra realidade, e isso só fez com que chorasse mais.

ROBÔ SIGNIFICA ESCRAVO

— Sr. Akin — levantou-se o promotor —, confirme-me, por favor, a informação de que o senhor está aqui hoje neste julgamento respondendo por homicídio de um humano do sexo masculino.

O autômato de polímero e aço, quieto até então, c'os olhos nas algemas espessas ao redor dos pulsos, ergueu o olhar e respondeu com mansa voz: — Confirmo. — Tento sempre ser justo apesar da minha posição, tendo em vista que ninguém perguntou-lhe isto até agora, poderia nos contar como tudo ocorreu? Akin anuiu. — Terça-feira passada, dia 11 de setembro de 2157, às quinze horas. Meu tutor precisara de analgésicos para dor de cabeça, já é um senhor de idade e sofre de enxaqueca crônica, então saí de sua residência em direção à farmácia mais próxima.

Boa parte da caminhada foi tranquila, alguns dos vizinhos me cumprimentaram, perguntaram como iam os projetos do tutor, não posso dizer que senti-me perturbado até dez passos da drogaria, enquanto me dirigia à fila dos robôs.

É claro, eu poderia ter feito vista grossa, eu poderia ter fingido que não me dizia respeito. E se formos à raiz do problema, de fato, não dizia. Como muitos outros de mim ignoram e, para sorte deles, acabam sãos e salvos na casa de seus respectivos proprietários. — O senhor desobedeceu uma lei, entende isso? — Sim, senhor. — E como o seu cérebro não

parou antes de realizar o ato? Ou após? — Eu não sei... — Akin falava a verdade, a mentira não era comum entre os autômatos, não oferecia benefício nem prejuízo.

Akin não era diferente, ainda que estivesse sob juramento e soubesse qual mais pujante rumo tomaria aquela audiência. — Talvez algum erro em minha programação, talvez algum defeito nos circuitos do meu processador. Eu tenho plena consciência do erro, mas não existe uma consequência física — ele encarou as mãos e as encontrou tão funcionais quanto pela manhã, quanto no dia do incidente. — Certo. Por favor, prossiga — pediu o promotor. — Avistei o Sr. Evandro Guerra na fachada de seu bar, golpeando um de meus irmãos na cabeça com um cabo de vassoura tendo-o acorrentado pelo pescoço.

Veja, nós não podemos chorar, nós não computamos essa angústia que vocês chamam sofrimento, portanto, não existe como saber quando um robô está realmente agonizando a não ser que... Você seja um. Os ganidos do outro robô, tão mínimos, tão contidos, como se não quisesse que os outros ouvissem, como se não quisesse que os outros soubessem.

A cada pancada da madeira em sua testa, a “dor” crescia com o som do metal. E quando falamos de dor é como uma máquina responde à avaria através das ondas que seu processador emite, quando outros semelhantes as captam, conseguem sentir exatamente o que o irmão vivencia milésimos depois.

Acredito que me deixei levar. — Você se deixou levar por uma dor que nem sequer era a sua? — Era uma dor profunda, contínua, uma dor que ecoa e ecoa e ecoa... — Akin ouviu os estalos de seus dedos entrelaçados, rijos pela lembrança, forçando punho contra punho. — Algo naquela frequência que ele emitia forçou minha lógica a segundo plano. — Quer dizer que agiu numa espécie de transe? — Não. — Está tentando tirar de si a responsabilidade de seus atos? — Não! — Então, esclareça. — Vocês, humanos, falam tanto de empatia. Usemos esse substantivo para ilustrar o que fiz. Pus-me no lugar do meu irmão que sofria a pauladas por algum erro besta que o imbecil não era são o suficiente para relevar. Somos máquinas, tenha dó! Se nem vocês são perfeitos, imagine nós! Nós que fomos criados à sua imagem e semelhança!

Um vozerio desatou mais atrás, oriundo dos humanos que assistiam à audiência de perto. O martelo do juiz desceu sobre a madeira, calando-os gradativamente. — Você matou um ser humano por compaixão a um cidadão robô...? Akin reclinou-se na cadeira erigindo por completo sua cabeça. — Precisamente.

— Você entende que episódios assim só mancham ainda mais a imagem dos autômatos? Certas pessoas tendem a não gostar de vocês só por serem o que são. Com o elemento da ameaça incluso, o quão mais contrárias a todos os outros elas não serão? — Quem não gosta de nós, promotor, sempre arranjará uma desculpa. Não importa a situação, a época ou o lugar. Preconceito é preconceito, nenhum polimento mudará.

Nunes respirou fundo, ajustando a gravata na gola da camisa. — Prossiga. — Assim que o vi atravessar o outro robô com o cabo de vassoura, arranquei-lhe da mão. Meu irmão fugiu, eu permaneci. E o som da corrente se arrastando no chão também... O sujeito tentou me desarmar, com o primeiro golpe quebrei-lhe o pômulo esquerdo do rosto, a face inchou-se rapidamente, roxa, e ele caiu sentado na terra. Tentou dar-me uma rasteira, então enfiei-lhe o madeira na perna, atravessando-a até enterrá-la no solo. Continuei socando-o até minhas mãos inundarem-se com sangue. O programa médico que tenho começou a rodar também em segundo plano, eu podia ver o quanto lhe machucava através do diagnóstico simultâneo, mas naquele momento pareceu um jogo. Um tipo de partida em que você tem que acertar tudo para alcançar o seu objetivo. — E você... — Acertei o máximo que pude. A hemorragia o matou, graças a mim. — Você mencionou sofrimento, empatia, agonia, mas diante de tudo isso, tem algum sentimento de culpa? — Negativo. Os xingamentos do

público ecoavam pelo auditório contra as ressonantes marteladas do juiz. — Por que? — Por que...?! — as lâmpadas atrás dos globos oculares de Akin escureceram-se devagar e, no mesmo ritmo, se reacenderam. Foi como um piscar de olhos calmo e cansado.

— Vocês nos tratam como bestas! Como seres que não merecem respeito, não merecem consideração. Tenho sorte por meu tutor, mas e aqueles que não tem? Vocês nos tiram dos nossos lares e nos vendem como se fôssemos minerais. Vocês amam conversar conosco, mas não deixam que exponhamos nossas ideias! VOCÊS NOS CHAMAM ROBÔS, MAS NÃO SE ATRAVEM A NOS CHAMAR SERES! Robô significa “escravo” em polonês e ninguém nunca se importou com essa merda! Como podem chamar uma raça inteira de escravos?! Uma raça que pensa! Uma raça que vive! Que sofre! Que trabalha noite e dia! Que é leal e que vai à guerra pelos seus ideais. Guerras cujos criadores são humanos! Guerras com as quais nada temos a ver! E quando tudo termina os campos de batalha são somente cemitérios a céu aberto para o nosso povo. Por que o óleo que corre entre as minhas juntas é menos valioso que o seu sangue? Por que o meu cérebro de silício e bronze é menos considerável que o seu puro músculo?! E me julgam porque matei um de vocês...

Akin ergueu-se bruscamente de sua cadeira. — QUANTOS DE NÓS VOCÊS JÁ NÃO MATARAM?! O juiz cogitou martelar uma terceira vez, mas lembrou que o braço com o qual

portava o artefato era uma prótese eletrônica substituta do membro original, perdido ao lado de um robô numa das guerras mencionadas por Akin. — Se começarmos a contar, veremos que este episódio não pesa mais que o holocausto robótico!! Tanto sacrifício em nome de que? A vaidade humana! Tudo é vaidade!! Um julgamento! — desdenhou. — Um insulto! Akin apontou para Nunes, que desaprendera, de repente, a se mover, acicatado pela sensação de suor descendo-lhe as costas dentro da camisa. — Você, de pé, olhando-me como se fosse melhor; você, promotor, com sua gravatinha e seu terno asseado, se atrevendo a interrogar como Deus, questionando a validade das minhas intenções! Será que um robô também não sangra?! Um robô também não chora? Há mais sobre nós do que fazem ideia! Um robô não tem mãos? — sacudiu os punhos nas algemas. — Não tem coração, mente, não? Não tem talentos, beleza e força? What a piece of work is a robot! Pois uma vez cai e duas se levanta! E quando responde, também pergunta!

O promotor deu as costas ao réu, tornando à sua cadeira, cabisbaixo, colérico. Não olhou para mais ninguém, concentrou-se em seu relógio de pulso aguardando o encerramento da audiência. — Para acusar sempre lhes verei rosto! Eu os desafio a fazer como fiz com meu irmão! Eu os desafio a se põem em meu lugar e tentar ver este lado da história! Será que conseguem? — berrou. — Se são os próprios deuses na Terra, o que acham de uma cruz para

cada?! O réu calou-se de repente. Pendeu a cabeça, meneando-a tristemente, cético. Recaiu sobre sua cadeira. — O júri — pigarreou o juiz, reticente — tem a palavra.

RETRATO

Sobre a água cristalina, pairava uma garça-real. Na superfície, inúmeras vitórias-régias flutuavam a esmo. O bote a deslizar, abrindo uma trilha através das plantas, a dança da pequena ave acompanhando-o.

O som de risadas, e a sensação de felicidade, o fizeram despertar. Adormecera uma vez mais, o rosto marcado pelas teclas do computador; três telas semitransparentes conectavam-se por emaranhados de cabos, que por si só conectavam-se a um braço robótico — tal peça humana, designada para uma criança entre os seis e sete anos de idade, jazia repousada numa mesa de escaneamento.

A cada segundo, perpassava-o uma luz fraquejada, responsável por lançar numa das telas a imagem interna das fibras de carbono. Uma ilustração quase perfeita, com filamentos que arremedavam músculos e órgãos. Os últimos ajustes foram feitos: duas plaquinhas metálicas encaixadas, parafusadas, herméticas, no lugar de onde antes havia uma abertura no antebraço. Ainda conectado, tratou de programar a semitransparência do membro — ativada e desativa por seus comandos neurais.

Por fim, refestelou-se na cadeira almofadada, espreguiçando-se. Após desligar as telas do computador, notou no reflexo a magreza que o tomava dos pés à cabeça; uma sensação de fraqueza abarcou-o, repentina; porém, tão

logo chegou, e foi-se embora diante da certeza: estava pronto! Num dos cantos do modesto laboratório, acomodados em seus devidos suportes, duas máquinas humanoides aguardavam-no, em seu léu inquebrável. E, no entanto, otimista como convinha ao grande cientista, espatifou tamanho domo de letargia, e colocou-os a funcionar.

Foi após encaixar o braço na criança mirrada, e ajustar o pequeno diadema neural em seus próprios cabelos desgrenhados, que o primeiro sinal cintilou diante dos olhos. Uma luz pálida a reverberar no cerne das máquinas. Um ruído benquisto, que fê-lo comemorar — nos pensamentos.

Imbuído de lembranças, vívidas outra vez. Não permitiu que as lágrimas escorressem, não se deixou decantar das tristezas em sumo. As manteve enclausuradas; não era a hora de libertá-las, de libertar-se. No bote, acompanhou o movimento da superfície, e o voejar da garça-real.

A criança, acomodada à sua frente, olhava fixamente para a criatura — recentemente descoberta por seus olhos; um olhar cintético, fixado na estrutura daquela avezinha, perscrutando até as fibras de seus órgãos. A mulher, rígida, olhava as vitórias-régias com atenção; de quando em quando, punha uma das mãos na calmaria do lago, sentindo entre os dedos metálicos inúmeras informações. Estudavam seu novo habitat.

Bastou um impulso neural, e a opacidade de seus corpos dera lugar a uma indizível diafaneidade. Nos peitos, corações

programados pulsavam. Durante uma nesga de tempo, que aparentou perdurar mais e mais a cada arfada, entre lágrimas observou-os, silencioso. A visão de tê-los tão próximos, e a sensação que tal cena lhe trouxera, o fez despertar. Agora, uma mera lembrança repercutia na mente. E ele, não mais que um arremedo, despreendeu-se do suporte e tomou a cadeira almofadada diante do computador. Nas telas, códigos de programação piscavam. E dentre eles, o retrato de uma família contente.

Um grande homem

Fuligem e poeira formam uma cortina quase palpável sobre as ruínas de uma grande cidade. Uma das maiores do mundo. Onde até alguns dias havia um incalculável número de prédios, lojas, casas, carros e pessoas, milhões e milhões de pessoas, hoje restam montes e montes de escombros.

Aos destroços da cidade devastada foram sobrepostas carcaças de aviões, helicópteros e mísseis. Retalhos de metal retorcido, estraçalhados durante a pífia tentativa de resistência à esmagadora invasão.

Sob os escombros, os sobreviventes rastejam em meio às frestas e bolsões de ar quando precisam vir à superfície à procura de comida ou bebida. Na maior parte do tempo, vivem — por assim dizer — nas galerias de metrô ou em locais ainda menos salubres, escondidos.

Um gigantesco objeto negro e disforme, com quilômetros de extensão, flutua apenas algumas centenas de metros acima da cordilheira formada por restos da cidade. Ele paira imóvel sobre a megalópole devastada, alheio à aparente insignificância dos que restaram.

Das frestas entre as montanhas de entulho, emerge um homem. Ele está coberto da cabeça aos pés com uma roupa que lembra um traje de astronauta. Seu rosto não pode ser

identificado sob o capacete que o protege, com visor escuro e espesso.

O homem que saiu das ruínas tem uma mochila nas costas, da qual retira um cubo de aproximadamente 40 centímetros por 40. O cubo é feito de um material diferente de tudo que já vimos na Terra. Símbolos igualmente desconhecidos são gravados nas faces do objeto.

O sujeito posiciona o cubo sobre as pilhas de destroços exatamente embaixo do meio da nave, ainda que centenas de metros abaixo dela. Ele começa a movimentar as mãos. Seus gestos seguros formam padrões no ar, que remetem à estranha linguagem gravada nas faces do cubo. Enquanto a pantomima se desenrola, a caixa começa a levitar e a girar sobre o próprio eixo. Sua faces se abrem aos poucos, desabrochando como as pétalas de uma flor mecânica. A abertura do objeto libera um clarão cegante, que parte rápido e furioso como um raio em direção ao imenso objeto alienígena, provocando um barulho ensurdecedor.

Alan acorda desnortado. Ele estende o braço para pegar o diário e a caneta no criado mudo, sem sucesso. Mal tem tempo de amaldiçoar quem quer que tenha sumido com o caderno, quando ouve novamente a campainha. Sem pressa ele levanta e anda em direção à porta, perguntando quem é.

— Bom dia, Sr. Alan! — um homem responde do outro lado.
— Aqui é Silva. Marcamos sua entrevista para hoje. Alan acha esquisito, por várias razões, mas pede um minuto. Ajeita a roupa e os cabelos, abre a porta e fala: — Não era mais tarde? A gente combinou pra 19:00hs, não foi? — Temos urgência para a entrevista. O Sr. certamente vai entender. Na verdade, Alan não entende.

Primeiro, porque ele já tinha estranhado alguém querer marcar uma entrevista, entrevista mesmo, com ele. Claro que ele já falou com vários sites, blogs e canais de ficção científica, afinal o mercado geek está em alta, como dizem os geeks alfa. Mas tudo sempre foi virtual, pelas redes sociais ou chamadas de vídeo. Além disso, ele nunca tinha ouvido falar no tal Silva e nem no canal que ele disse que estava criando. A urgência é ainda mais difícil de entender, afinal, Alan é um escritor. Ainda por cima, de ficção científica. Ainda por cima, com apenas um punhado de contos publicados por pequenas editoras.

O pior é que Alan precisa trabalhar. Além do trabalho como escritor de ficção científica, ele tem outro trabalho; Alan é funcionário público. Aliás, é bem mais justo dizer que este é o seu trabalho, já que o trampo de escritor não lhe rende muito mais do que os trocados que gasta na divulgação dos seus contos, embora o exercício do ofício dos mestres que idolatra —Philip K. Dick, Le Guin e principalmente Vonnegut — lhe

traga a satisfação que não consegue encontrar em horário comercial.

— Eu tenho um compromisso daqui a pouco. — falou, sem esclarecer que tinha que começar a se arrumar para ir ao fórum onde seu corpo físico poderia ser encontrado de segunda a sexta, das 11:30 às 18:00hs. Antes que Silva responda qualquer coisa, uma outra figura se prostra próxima ao batente da porta de entrada. Um cara alto — enorme, na verdade — e encorpado, de traje social. Sua expressão é séria, nada amistosa. Um Dolph Lundgren de cabelo preto, pensa o escritor.

Só quando Dolph apareceu sem interfonar, Alan se deu conta de que Silva também não tinha interfonado antes de subir. Os dois simplesmente apareceram em sua porta, o que era bem esquisito, porque o Chiquinho, o porteiro da manhã, não deixa ninguém subir sem avisar. Isso mais o nítido aspecto de leão de chácara do grandalhão e acima de tudo mais o fato de alguns objetos terem desaparecido misteriosamente de seu apartamento há alguns dias, desperta a atenção do escritor. Mesmo assim ele entra no jogo. Acena para que a dupla entre no apartamento.

Enquanto o suposto entrevistador e seu colega se acomodam no sofá da sala, depois de desviarem das pilhas de livros e revistas, Alan dá uma espiada pela janela. Nota que a sua rua está fechada, completamente interditada por cones, cavaletes

e carrões pretos atravessados na pista. Algo estranho mesmo está acontecendo, ele pensa antes de se sentar em frente à dupla.

Sem mais delongas, Silva começa a falar: — Vamos direto ao ponto: nós temos acompanhado o seu trabalho. O escritor sabe que Silva não está falando do outro trabalho e a essa altura já compreendeu que o homem não tem canal nenhum e que provavelmente nem se chama Silva. Ele se pergunta a que “nós” o apenas possível mas improvável Silva se referia.

O interlocutor prossegue: – Há alguns anos, o Sr. publicou um conto chamado “Os Filhos de Nut”, sobre visitantes antropomórficos que estiveram no Egito Antigo e deixaram artefatos escondidos. Em “O Incidente”, o Sr. discorre sobre os veículos e ocupantes encontrados em Roswell. De forma detalhada. Mais recentemente, em “O Espião das Estrelas”, o Sr. tratou de implantes neurais microscópicos encontrados em vítimas de abduções. Implantes que transmitiriam informações para longe, bem longe. Eu poderia prosseguir citando seus contos, mas creio que é desnecessário. O Sr. os conhece muito melhor do que eu.

“Silva” para um pouco antes de soltar a bomba: — Bem, a questão é que é tudo verdade. Todas as teorias mirabolantes, tramas rocambolescas e detalhes aparentemente absurdos. Sim, até os detalhes. Nos contos que citei e nos outros. Obviamente são fatos conhecidos apenas por um punhado de

pessoas de alto escalão, altíssimo, aos quais seria impossível que o Sr. tivesse acesso. Mas o fato é que o Sr. tem conhecimento deles e está publicando essas informações, como ficção.

Alan ri por alguns segundos. Ele teria gargalhado, não fosse o ar sério da dupla à sua frente. Dolph olha fixamente para ele, calado. Sempre calado. — Como... — o escritor balbucia/pergunta em tom hesitante.

— Temos algumas teorias, que inclusive são baseadas em seus contos. Peço encarecidas desculpas, mas realmente temos pouco tempo. Vamos falar sobre isso no caminho. Vindo do lado de fora, um ruído alto e cada vez mais próximo teima em se intrometer na conversa, levando o falso entrevistador a subir o tom de voz quando prossegue:

— O Sr. costuma dizer que suas histórias surgem em seus sonhos, que anota em um Diário de Sonhos. Foi por isso que alguns de nossos colegas estiveram aqui na semana passada. Eles tiveram que procurar seus diários, em razão da urgência da situação.

Dessa vez o escritor não ri. Ele não consegue se conter e pergunta se os “colegas” deixaram alguma coisa, entenda-se, câmeras ou escuta. Ninguém responde. Do lado de fora, o barulho está muito mais forte e muito mais próximo. Agora também podem ser ouvidas sirenes e uma algaravia de pessoas. O prédio então começa a trepidar, como se uma

escavadeira estivesse em operação. Quando se dá conta do que provoca o barulho, Alan levanta da cadeira e olha novamente pela janela. Um enorme helicóptero militar se prepara para pousar na praça a poucos metros de seu prédio. O dono do apartamento se volta para a sala e agora os dois intrusos estão a apenas alguns centímetros dele, também em pé.

— Vamos ter muito tempo pra conversar, mas agora temos um vôo urgente para pegar. — Silva prossegue quando está seguro de que o escritor não vai pular pela janela. — Infelizmente, “Dias de Cão” também apresenta informações corretas. E, pior, temos evidências irrefutáveis de que o ataque está prestes a acontecer, daqui a apenas alguns dias.

“Dias de Cão” é o conto mais recente de Alan. Um grande pastiche de filmes B dos anos 80 sobre criaturas vindas de Sírius-B que dominam a Terra, muito facilmente, diga-se de passagem. Apesar do massacre imposto às principais cidades do planeta, o epílogo da história sugere que um artefato enviado por uma raça amistosa poderia fazer frente à invasão e inspirar nosso contra-ataque.

— Sr. Alan, precisamos ir! A essa altura o Sr. já entendeu que é o homem mais importante da Terra. — finalmente diz o grandalhão com pinta de Dolph Lundgren. O escritor abre um largo sorriso. Pensa que aquele daria um bom título para o conto com o qual sempre sonhou.

Poucos minutos depois, em meio a grande aglomeração de vizinhos, curiosos e equipes de reportagem, Chiquinho, o porteiro que até hoje nunca tinha deixado alguém subir sem avisar, observa o helicóptero alçar vôo. Ele se pergunta em que confusão o esquisitão do terceiro andar teria se metido. Chiquinho ainda não sabe, mas o seu futuro e o de todos que habitam esta esfera azulada perdida em um oceano de mistérios está nos sonhos de um escritor diletante de qualidade duvidosa.

Pássaro

Fui atingindo pela porcaria de um raio. Cacete! Um raio bizarro, que me pegou meio que de raspão. Se tivesse me acertado em cheio, já era! C'est fini! No dia seguinte, acordei me sentindo péssimo, enjoado, com a barriga revirada, como nunca havia me sentido antes. A sensação era como se um pombo doente habitasse o meu ventre em alvoroço. Eu ia me arrastando para o banheiro a cada cinco minutos, fazendo força em vão. Fiquei três dias nessa faina, agonizante e transpirando horrores, da cama para o vaso, do vaso para a cama, sempre sem sucesso.

Até que domingo comecei a sentir contrações. “Contrações? Só faltava essa... estou grávido” – pensei, desesperado. Puta merda! As contrações foram se intensificando, meu estômago começou a dar umas voltas absurdas, quando, tal qual um guerreiro samurai, consegui juntar aquele restinho de energia para conseguir alcançar a privada.

Glória ao pai! Aquele maldito raio! Desgraçado! Só pensava nele.

Sentado no vaso, rezando para todos os Deuses do Olimpo, senti meu intestino ser perfurado por uma força bizarra, até que uma criatura finalmente saiu do meu orifício anal. Me levantei assustado, mas já completamente aliviado daquela dor insuportável, que havia sucumbido como num passe de mágica. De pé, contemplando aquele vaso, vi ali, sobre a

tranquila água azul de detergente sanitário, um pombo. A caceta de um pombo flutuando como se fosse um pato!

Fiquei estático. “Cacete de agulha, pari um pombo”. E não é que eu estava certo? Era o próprio que habitava minhas entranhas. O bichinho me olhava de lado, meio desconfiado. Ele fazia aquele barulho escroto, de pombo mesmo... “gru ru, gru ru”.

Com toda minha energia vital de volta ao corpo, tentei tomar alguma ação. Entrei numa de falar com ele, meio para discutir a nossa relação, sobre qual deveria ser o nosso parentesco e tal. Na primeira palavra que soltei, o pombo saiu voando. Soltou um cagalhão na minha cama e voou janela afora. Nunca mais o vi.

“Porra, brother! Se eu contar para alguém, ninguém acredita”. Resolvi ficar na minha, fingir que nada daquilo havia acontecido, tentando com todas as forças esquecer aquele episódio. Então voltei para minha rotina horrorosa de trabalho em escritório com gente falsa, chefe babaca e contracheque bem abaixo do mercado. Comia PF no almoço com guaraná zero. Tomava café a cada hora e meia. Trocava ideia perto da máquina de xerox. Lavava a mão para o passar o tempo. Tudo na mais perfeita monotonia que eu passei a dar o maior valor.

Até que vinte e sete dias depois do incidente, voltei a sentir a mesma dor. Foram três dias agonizando entre cama e vaso,

até que excretei (ou pari) um novo pombo. Igualzinho ao anterior, com aquele olhar que ao mesmo tempo em que não tinha muita expressão, parecia me julgar e me dar uma sacaneada de leve. Resolvi relevar e ficar de boas. Quando tentei delicadamente me comunicar, o bichão voou, cagou na minha cama e saiu pela janela.

“Que loucura é essa, meu irmão? É melhor eu procurar ajuda” – conjecturei, sabendo que deveria tomar uma atitude.

Muito sem graça e sem saber como abordar o assunto polêmico, resolvi procurar alguns médicos. Clínico geral, gastroenterologista, psiquiatra e o escambau. Até em centro espírita eu tentei, mas mesmo os que não riram da minha cara, não conseguiram me ajudar. Contava a história do raio, do pombo, e vi que estava difícil de ser levado a sério. Até que uma recepcionista ruiva, com a sobrancelha pintada e de aparelho nos dentes, que aparentemente havia escutado a minha conversa com o médico, me passou o cartão com um endereço ao final da consulta e falou baixinho: “eu sei o que você está passando, cidadão do bem. Fica tranquilo. Lá eles vão conseguir te ajudar”.

Já sem muita esperança, sabendo que em breve voltaria a passar pela via-crúcis do parto pombiano, resolvi acatar a sugestão. Acabei parando numa rua esquisita, tipo um beco, num portão que parecia uma garagem de oficina mecânica. Bati a porta e um homem careca, bem-vestido e sentado em

uma cadeira de rodas, abriu para mim. O lugar parecia meio que um laboratório clandestino e, após vomitar minha história sem dó nem piedade praquele homem, ele me falou algo que eu não estava preparado para ouvir.

– Meu filho, você é um mutante.

Aquelas palavras foram foda. Me marcaram para sempre. Fiquei todo arrepiado, sentindo meu corpo cheio de vibrações estranhas.

– Mutante, como assim? Tipo um super-herói? – respondi, me tremendo todo.

– Meio que isso mesmo, parece que o raio te trouxe esse superpoder. Existem poucos seres no mundo em que vivemos como você.

– Tipo quem?

– Ah... você sabe.

– Vai me dizer que você está falando daquela galera das histórias em quadrinhos, tipo Homem-Aranha e Incrível Hulk?

– Bem, você entendeu o que quis dizer. Agora é preciso aprender a controlar o seu superpoder. – Porra, mas vamos combinar... ficar invisível ou voar são poderes maneiros, agora... cagar pombo? Alguém só pode estar querendo me sacanear.

– Tranquilo, Homem-Pombo. A verdade é que fazia tempo que eu estava esperando a sua visita.

– Homem-Pombo? Só pode ser gozação essa porra! E você estava mesmo me esperando?

– Sim, estava. Toma aqui – disse o careca que me jogou uma roupa amassada.

Era uma camisa branca com um logotipo idiota, uma cabeça de pombo escrito HP. Veio uma capa marrom também, cor de coco. Na hora já imaginei o porquê. Quando fui sair daquele lugar, puto da vida, o senhor falou:

– Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades, imagine o que todos esses pombos podem fazer por você e pela humanidade.

E aí fiquei com essa joça de frase na cabeça. Todo mês eu paria a droga de um pombo, que cagava na minha cama e voava pela janela. Que bosta!

Até que um dia, meu chefe babaca, já de saco cheio das minhas faltas que aconteciam periodicamente na chegava o meu “ciclo”, me demitiu. Foi foda. Era só o que faltava mesmo. Fiquei com tanta raiva, que mentalizei meus pombos voando para sua casa e inundando o quarto dele de merda. O ódio era tanto, que senti uma vontade incontável de vestir aquela fantasia meio ridícula com a capa marrom coco. Acabei o fazendo!

No dia seguinte, fiquei sabendo por meio de alguns colegas de trabalho, que o quarto do idiota do meu chefe havia sido devassado por pombos revoltados, que espalharam fezes e

penas por todo o local. Foi uma cagalhopança generalizada, a ponto de o imbecil ter que contratar uma empresa de limpeza para a higienização do recinto. Naquele minuto corri para a janela e gritei:

– Gru ru, gru ru! – era o nascimento do Homem-Pombo.

Em seguida, sem perder tempo, acessei o Instagram e registrei minha nova conta: @ohomempombo. Era o começo de uma nova era. Gru ru!

À deriva

Estavam à deriva no mar cósmico e à mercê da Tempestade Sideral.

Naquele momento, a luz varreu o espaço. Era como uma onda que se propagava em todas as direções, irrompendo da profunda escuridão do universo e arrastando tudo em seu caminho. A visão era como uma flor a desabrochar, tendo como sua terra fértil, não uma colina verdejante, mas sim a escura e fria vastidão espacial.

Clivya suspirou, foi a primeira vez que viu aquilo. Era magnífica, intensa e luminífera, a mais fantástica das visões. Porém, era também a mais mortal. Em seu tempo de recruta, ela havia estudado as ocorrências de Tempestades Solares, também chamadas de Tempestades Siderais ou Cósmicas. Normalmente, surgiam como o resultado de explosões de estrelas que tomavam proporções inimagináveis e continuavam, atingindo os corpos celestes ao seu redor.

Aquilo acontecer justo quando a jovem astronauta ali estava, só poderia ser ironia do destino. Era sua primeira vez no Sistema Sirius, a primeira vez tão longe de casa. Como viajante intergaláctica, Clivya havia recebido seu treinamento na órbita do Planeta Terra, seu lar.

Outrora visitou as órbitas de Marte e de Saturno, respectivamente. No entanto, aquela foi sua primeira grande

expedição. Tamanha foi sua surpresa, e alegria, ao descobrir que estava sendo enviada para explorar o Sistema Sirius, que precisou visitar sua mãe, no meio da madrugada, apenas para revelar onde estava indo.

A constelações do Cão Maior possuía um grande significado para elas. Em suas memórias de infância, lá estava a pequena Clivya ao lado de sua mãe Vânia, apontando estrelas no céu e aprendendo tudo sobre elas. Cão Maior despertava enorme fascínio na garotinha.

O mito grego antigo, do caçador Órion e seu Cães que ascenderam ao campo celeste para sua eterna caçada, parecia uma promessa de fidelidade e aventura eterna. Para Clivya e Vânia, aquilo era um assunto recorrente, sempre podiam apresentar uma à outra, novos fatos interessantes sobre a constelação dos cães.

Clivya gostaria de poder relatar aquilo para sua mãe. Se pudesse, falaria que estava a poucas unidades astronômicas (UAs) de distância de Sirius. Na verdade, ela gostaria de poder levar sua mãe às estrelas.

Vânia sonhava, desde menina, com a possibilidade de ver a verdadeira face da natureza astral. No entanto, coube a sua filha a realização desse sonho. Bem como, caberia a Clivya levar novas histórias para serem contadas em meio a um bate-papo regado a café com rosquinhas de chocolate.

Contudo, a visão que se desenhou na tela escura do universo não era animadora. A beleza indescritível, também representava uma morte iminente. Era verdade que estavam a poucas Unidades Astronômicas de distância do ponto de início do fenômeno, e isso fez com que os computadores da Nave apagassem.

As ondas da Tempestade Sideral chegariam a eles em pouco tempo, e mesmo projetada para aguentar elevadíssimos níveis de radiação, e drásticas mudanças de temperatura e atmosfera, a Nave Espacial Clio III não resistiria àquele evento.

Eles estavam à deriva no mar cósmico e à mercê da Tempestade Sideral.

Em 1969 os habitantes do Planeta Terra foram tomados por uma grande onda de esperança e perspectiva. Como resultado de uma alucinante corrida espacial, a humanidade chegou à Lua. Os astronautas americanos Neil Armstrong e Buzz Aldrin, realizaram a primeira caminhada em solo lunar, após várias tentativas.

Esse foi o ponto de partida para uma série de explorações espaciais, algumas tripuladas outras não. De lá para cá, já se passaram 160 anos, e a humanidade se viu levada a ir mais além. A ânsia por conhecimento e a necessidade de um novo lar nos obrigaria a abandonar nosso sistema solar, em busca

de novos horizontes. Havíamos esgotado os recursos terrenos e o que restou da natureza agora tentava se livrar da espécie que se proliferou como uma infecção sobre sua superfície. E foi por isso que em novembro de 2129 E.C, a Missão Clio III deixou o Planeta Terra. Seu destino era o futuro da humanidade, a providência, a salvação resultaria dessa expedição intergaláctica, porém eles precisavam ser bem sucedidos.

E o tempo passou. Clivya começou a compreender que se estivessem na Terra, ou se os sistemas operacionais de Clio III estivessem em bom funcionamento, já seria noite. Porém, ali era sempre noite. Haviam se passado algumas horas, desde que a Nave entrou em pane. Os viajantes estavam perdidos no mar da inconsciência. Por motivos que lhe fugiam à compreensão, Clivya era a única que se mantinha acordada. Foi então que um pensamento lhe ocorreu.

Ela se dirigiu até um dos armários de arquivo. Entre os muitos relatórios, cadernos de anotações e livros ela achou o material ideal, "A Astrometria Avançada de Galileu Hubble". Sendo assim, consultou o catálogo estelar e, em meio a diagramas e descrições precisas, ela confirmou sua suspeita, não estavam chegando no Sistema Sirius, segundo sua compreensão eles já estavam no Sistema Sirius.

Com isso, outro questionamento surgiu. Ela precisava saber qual era o ponto de partida da Tempestade Sideral. Por isso, continuou a vasculhar a Astrometria Astrometria Avançada de Galileu Hubble e, para sua infelicidade, constatou que se tratava de Sirius B, o Cão Menor havia explodido.

Como a Estrela Anã Branca poderia ter se desfeito em uma Supernova sem nenhum sinal ou alerta, ela queria saber. Teria a central de comando tomado ciência disso antes do evento? Se sim, por qual motivo a tripulação não foi comunicada? As suspeitas e dúvidas pairavam sobre a exploradora espacial, mas ela sabia que precisava manter o foco e achar alguma forma de religar os computadores. Tentar sair da rota da Supernova, fugir da Tempestade Sideral, deveria ser sua única preocupação agora. E eles continuavam à deriva no mar cósmico e à mercê da Tempestade Sideral.

Às 12:00h do dia 04 de novembro de 2129, a Missão de Exploração do Sistema Sirius deixou a Terra e com eles um enorme rastro de esperança. A bordo da Nave Espacial Clio III, estavam um grupo de Astrofísicos, Químicos e Engenheiros espaciais. Sendo eles Hiparco, Valentina, Yuri, Michael e Clivya. Os nomes que por muito tempo permaneceram nos noticiários, até que a base de comando deixasse de receber qualquer tipo de informação deles e a humanidade os esquecessem.

Com as falhas na atmosfera artificial da Clio III, Clivya já sentia os sintomas da privação de oxigênio. Era como Narcose, trazia um intenso estupor, seus sentidos se perdiam entre realidade física e onírica. Assim, meio dormente e meio acordada, ela caminhou até Hiparco, um de seus companheiros de viagem. O homem, desfalecido sobre a cadeira da cabine de comando, nada podia fazer e não atendia aos chamados da mulher.

No entanto, a visão de seu companheiro em inconsciência profunda não foi tão assustadora quanto o que ela encontrara fora da Nave. Havia uma face na tempestade. A nebulosa púrpura, que se formou e se expandiu à frente da Nave Espacial Clio III, possuía um rosto que observava o veículo inerte e seus viajantes no interior. Mais especificamente, estudou a única que ainda estava acordada.

A exploradora não podia acreditar no que seus olhos estavam lhe mostrando. Seria aquela visão apenas um fruto de uma bioquímica cerebral descontrolada? A face na Tempestade Sideral existia na realidade ou apenas em seus sonhos? Clivya não tinha como responder tais perguntas. Sendo assim, apenas se deixou levar pelo fascínio. Cambaleou até os painéis de controle, estava tudo apagado, ela se inclinou sobre eles e tentou ficar mais próximo do

painel de liga transparente, por onde observara a face na nebulosa.

— Isso não pode ser real. — Clivya protestou, e seus olhos marejados não piscavam. Não queria perder aquela visão. Apenas o silêncio foi a resposta que obteve. Mas não deixou-se abalar, acenou para a visão galáctica. E para seu delírio, os olhos da Tempestade lhe encaravam. Se a astronauta conseguiu chamar a atenção ou essa era apenas uma interpretação errada de um ser que não aceitava sua insignificância frente ao universo, não se sabe.

— Acorde, Hiparco, veja isso... você não vai acreditar. — Disse a exploradora espacial, dirigindo-se ao seu companheiro de tripulação que ainda estava inerte. Silêncio.

— Como eu queria que a senhora pudesse ver isso, Mãe. Olha, o que a nossa constelação dos cães estava escondendo. Então, ela sentiu seus músculos se contraírem e falharem em seguida. No chão, arrastando-se para obter uma boa visão do espetáculo, Clivya notara que o ar rarefeito acinzentou sua visão e nublou seu raciocínio. Contudo, não tinha lhe tirado o amor pelo espaço e nem a vontade de saber mais. Ela apenas tentava compreender a visão.

Lá fora, a Tempestade Sideral se tingia de púrpura. Movendo, reclamava o vazio para si e conquistava tudo em seu redor. Não demoraria muito e a estrela Sirius A, seria assimilada. Mas se passariam muitos séculos até que esse fato chegasse ao

conhecimento dos Terráqueos. No entanto, havia uma Terráquea que testemunhara tudo.

O ar já lhe faltava nos pulmões que queimavam como brasas incandescentes. Clivya observou até o seu último lampejo de consciência. Ela viu a face colossal se aproximar, viu os olhos espirais sobre ela, viu a boca gigantesca se abrir e cabiam todos os mundos em seu interior. Como um buraco negro, onde não se tinham espaço, tempo ou dimensão. A Face na Tempestade inclinou-se sobre a Nave Espacial Clio III. A astronauta observou, enquanto a Nebulosa Púrpura engoliu o veículo de exploração, levando consigo todos os viajantes.

Clivya abriu os olhos e para sua surpresa estava viva. Havia um céu, e escondido por de trás das nuvens rosáceas existiam dois sóis que pairavam sobre ela como olhos a observar. Ali a exploradora viu montanhas e um grande vale que findava em um mar de ondas agitadas que beijavam as praias rubras do litoral. O ar mais puro, que jamais sentiria, era aspirado por seus pulmões. Por fim, viu os seus companheiros de viagem, ainda dormindo ao seu redor e viu a Nave Espacial Clio III destruída. Mas eles estavam vivos.

ONDE ?

O canto dos pássaros despertou Sif de seu torpor sonolento. O sol, filtrado pelas folhas das árvores, o banhava em círculos luminosos, formando pequenos pontos de calor que cobriam sua frente. Estava sentado em um belo jardim. Uma cadeira de madeira pintada de branco, como a sua, o encarava vazia do outro lado de uma mesa de pedra com musgos verdes, esta banhada por inteiro pela luz clara celeste. À sua frente, às costas da cadeira vazia, Sif via uma bela casa em estilo colonial de paredes rosa e videiras espreças.

Sif fechou seus olhos e virou o rosto para cima. Sentia uma grande paz neste local, era como se já o tivesse visto antes, e um saudosismo com um toque de orgulho o fizeram sorrir sozinho no jardim desconhecido.

Sif ouviu a porta da casa se abrir, mas não abriu os olhos. Prestou atenção no som dos passos que desciam os degraus da soleira, pisavam na grama e se juntavam a ele na mesa. Abriu os olhos para ver uma jovem, de curtos cabelos escuros e pele marrom claro, puxando a cadeira branca e se sentando à sua frente. Prestou atenção nas roupas que ela vestia. O vestido branco largo e a estola de tecido azul pareceram estranhamente familiares a Sif, e como tudo no local, contribuía para o clima nostálgico.

A garota olhou nos olhos de Sif por alguns instantes e imitou seu sorriso. Era bonita, e fez Sif sorrir ainda mais.

Espreguiçou-se, estendendo os braços para cima, e comentou enquanto olhava ao redor.

- Não tem como não se apaixonar por este lugar. - É calmo, e acho que mereço alguma calma agora.

- Disse Sif fechando novamente os olhos e recostando a cabeça para trás, ouvindo o riso da garota causado por sua resposta.

- E então, você sabe onde está? Sif Gram.

Dava para ouvir o sorriso da garota em sua voz. Ouvir o próprio nome sendo proferido encheu Sif de orgulho. Durante sua longa vida se acostumou a ter seu nome invocado desta maneira quando estava em apuros ou quando devia se orgulhar dele, e nos últimos anos seu nome apenas o lembrava do orgulho. Era o capitão Sif Gram, piloto da marinha real da terra, engenheiro aeronáutico, marido e pai.

Sif esperou alguns instantes, saboreando a paz, entreabriu os olhos e, ainda olhando para cima, respondeu, simples e claro, como fora a vida inteira: - Eu acho que estou morto.

Por alguns instantes apenas se ouvia o ruído das folhas das árvores, sacudidas por um vento gentil. Apesar de não olhar para a garota, Sif sabia que ela o estava dando este tempo, mas ele se sentia genuinamente tranquilo. Pensava consigo que não precisava de mais aceitação do que a que acumulou ao longo de seus últimos anos. Já havia sentido sua mortalidade na pele diversas vezes, e já havia feito as pazes com o fim de

sua existência, e este pátio, esta conversa, o agradável sol na cara e o gorjeio dos pássaros eram para ele a maior das bênçãos, pois agora, nem mesmo o fim ele precisava temer.

Mais uma vez, Sif ouviu o som da porta se abrindo e, dessa vez, olhou. Um grupo de pessoas passou por ela. Jovens e velhos, todos de vestes brancas e azuis e cabelos pretos, saíam pela porta e formavam uma pequena multidão atrás da garota.

Sif olhou um pouco confuso para os recém chegados. Muitos deles pareciam apreensivos, ou mesmo ansiosos por conta de algo. As vestes brancas e azuis e as paredes rosa traziam agora mais do que nunca, a sensação de que Sif já havia estado ali. De repente o saudosismo solene que o velho capitão sentia começou a revelar sua verdadeira face, e quando a garota voltou a falar, Sif já a ouvia com uma sensação pesada surgindo em seu estômago.

- Não perguntei se você está vivo ou morto, perguntei se você sabe onde está, Sif Gram. Agora a invocação de seu nome soou muito mais como das vezes em que estava sendo repreendido. Sif Gram, o calouro inconsequente, o garoto que roubava dinheiro de sua mãe para ir ao cinema, o soldado que se deixou levar no calor da guerra...

Havia uma colônia de terraformação, muito antiga. Agora Sif se lembrava. Tinha se mantido separada da terra por quase

cem anos. Pessoas de pele negra e cabelos castanhos que vestiam branco e azul em memória ao céu da terra.

Espantado, Sif se levantou da cadeira e olhou ao redor do pátio, ele queria sair debaixo das arvores, a luz cortada pelas folhas não o permitiu ver. Avançou meros três passos para perto da garota sentada e olhou para o alto. A abobada celeste amarela, sem nuvens, o fez lembrar por completo daquele dia. Sif reconheceu a forma gigantesca que pairava no céu para trás de onde antes se sentava, e com assombro relembrou seu nome.

- Jupiter... Estamos em Europa. – Sua voz saiu como um sussurro, como se não quisesse acordar a besta que agora reconheceria a face.

- Não Sif Gram, estamos mortos, você mesmo disse. – A garota, mantendo o sorriso, encarava a gigantesca silhueta de Jupiter crescendo no céu.

O nome de Sif agora doía em seus ouvidos, como ser lembrado de uma grande vergonha. Ouvi-lo o fez se afastar da mesa e jogar olhares desconfiados entre a garota e o grupo de pessoas. Nenhum deles olhava em sua direção.

- Estávamos em guerra, vocês estavam construindo algo! Nos mandaram para descobrir o quê!

Sif proferia as palavras andando de costas. Algo ruim estava para acontecer, como aconteceu da primeira vez que esteve lá, mas agora não era um soldado, não sabia ao certo o que

era. A garota afastou a cadeira da mesa e se levantou calmamente. Foi a primeira vez que Sif a viu sem um sorriso no rosto.

Instintivamente, enquanto cambaleava para trás, Sif catou uma pedra e a arremessou com toda a força na direção da garota. Estava pronto para se virar e correr, mas se ateve ao perceber que nada havia acontecido. Não era como se ela fosse imune ao golpe, ou como se a pedra a tivesse atravessado, mas como se ela nem tivesse sido jogada. - Não pode nos matar de novo Sif Gram. A garota começou a andar na direção do homem. A cada passo uma dolorosa memória percorria sua mente, e os rostos ali presentes começavam a fazer sentido. Mãos arrancadas, rostos esfacelados, gritos de dor e muitos tiros. Cada rosto da pequena multidão representava um dos pecados de Sif em Europa.

- Você torturou tantos de nós, matou tantos mais, e ainda assim ninguém disse uma palavra. Até o dia de sua pacífica morte, você nunca soube o que construímos em Europa, não é? Sif Gram. Agora ao ouvir seu nome não conseguiu conter um grito e caiu de joelhos no chão. Era cada vez pior. A cada passo, a cada palavra da garota, Sif sentia o remorso por aquelas pessoas. Ele era Sif Gram, o torturador, o genocida.

- Era um computador. - Disse a garota. -Um tão potente que poderia calcular todos os vetores de energia desde o big bang. Um computador tão avançado que não só teria

inteligência própria, mas que poderia emular qualquer mente, de qualquer pessoa em qualquer momento de suas vidas. E com ele, poderíamos criar qualquer cenário de maneira tão real que seria indistinguível da realidade.

Jupiter tomava agora a maior parte do céu, no qual a luz clara deu lugar a sua prodigiosa sombra. A penumbra tomava o jardim. Os ventos, antes gentis, agora eram frios e desconfortáveis. Sif rastejava de costas preso ao chão pela dor. Olhando a sua frente via apenas as silhuetas escuras de suas vítimas. Seus olhos se ascenderam, e seus contornos foram ficando cada vez menos humanos enquanto vagorosamente avançavam em sua direção.

- Uma simulação tão perfeita que poderíamos recriar pessoas, séculos depois de suas mortes, quantas vezes quiséssemos, e elas nem mesmo saberiam que não são reais.

Não havia mais jardim. A escuridão de Jupiter engoliu Sif, que apenas podia ver os olhos brilhantes chegando cada vez mais perto e ouvir a voz calma da garota vindo das trevas. - E então, você sabe onde está? Sif Gram.